

Prólogo



PENAS caíam do céu.

Como uma neve negra, flutuavam sobre uma antiga cidade chamada Bath. Rodopiavam até os telhados, acumulavam-se nos cantos dos becos e deixavam tudo sombrio e silencioso como um dia de inverno.

Os habitantes da cidade acharam aquilo estranho. Alguns se trancaram em seus porões. Outros correram para a igreja. A maioria abriu guarda-chuvas e continuou cuidando de suas vidas. Às quatro da tarde, um grupo de apanhadores de aves pegou a estrada para Kentish Town, levando suas gaiolas em suas carroças. Eles tinham sido os últimos a ver Bath como ela era, os últimos a abandonarem a cidade. Em algum momento da noite de 23 de setembro, ouviu-se um barulho terrível de asas e vozes, galhos estalando e ventos uivando, e então, em um piscar de olhos, Bath se foi, e só restaram ruínas, silenciosas e desoladas sob as estrelas.



Não houve chamadas. Não houve gritos. Todos que estavam em um raio de 25 quilômetros desapareceram, então não restou ninguém para falar com o meirinho quando ele chegou na manhã seguinte, montado em seu cavalo cambaio.

Nenhum humano.

Um fazendeiro o encontrou horas depois, de pé sobre um campo pisoteado. O cavalo do meirinho tinha desaparecido, e suas botas estavam completamente gastas como se ele tivesse andado por dias a fio.

— Frio — disse ele, com um olhar distante. — Lábios frios, mãos frias, e tão peculiar.

Foi quando os boatos começaram. Monstros estavam se arrastando pelas ruínas de Bath, diziam os burburinhos, demônios magricelas e gigantes da altura de montanhas. Nas fazendas próximas, as pessoas prendiam ervas nos batentes das portas e amarravam suas persianas com fitas vermelhas. Três dias após a destruição da cidade, um grupo de cientistas veio de Londres para examinar o local onde ficava Bath, e, em seguida, foram vistos na copa de um carvalho nodoso, os corpos brancos e com o sangue drenado, os paletós completamente perfurados por galhos. Depois disso, as pessoas começaram a trancar suas portas.

Semanas se passaram, e os rumores ficaram ainda piores. Crianças desapareciam de suas camas. Cães e ovelhas ficavam coxos de repente. Em Gales, pessoas entraram nas florestas e nunca mais saíram. Em Swainswick, o som de um violino foi ouvido à noite, e todas as mulheres da cidade saíram de camisola a fim de seguir o som. Ninguém nunca mais as viu.

O Parlamento, pensando que isso podia ser obra de um dos inimigos da Inglaterra, ordenou que algumas tropas fos-

sem a Bath imediatamente. Elas chegaram e, embora não tivessem encontrado rebeldes ou franceses em meio às pedras tombadas, acharam um caderninho velho pertencente a um dos cientistas que tinha encontrado seu fim no carvalho. Só havia algumas páginas preenchidas, meio manchadas e escritas às pressas, mas que causaram grande comoção em todo o país. O texto foi publicado em panfletos e jornais, até pintado com cal em muros. Açougueiros o leram; tecelões de seda o leram; crianças, advogados e duques o leram; e aqueles que não sabiam ler encontraram quem o lesse *para* eles em tabernas e praças da cidade.

A primeira parte era cheia de gráficos e fórmulas, intercalados por rabiscos românticos sobre uma pessoa chamada Lizzy. Mas conforme as anotações prosseguiam, as observações do cientista se tornavam mais interessantes. Ele escrevia sobre as penas que haviam caído em Bath, e dizia que não eram de nenhuma ave. Contava sobre pegadas misteriosas e marcas estranhas na terra. Por fim, falava de uma longa estrada sombria se desfazendo em um monte de cinzas, e de criaturas das quais só se tinha ouvido falar em contos. Foi aí que todos tiveram certeza do que temiam desde o início: o Povo Pequeno, as Pessoas Ocultas, os Sidhe tinham passado do seu mundo para o nosso. As fadas tinham chegado à Inglaterra.

Elas foram de encontro às tropas à noite — goblins e sátiros, gnomos, espíritos e os seres brancos, esguios e elegantes com olhos bem negros. O oficial no comando dos ingleses, um homem engomadinho chamado Briggs, disse logo que eram suspeitas de grandes crimes e deveriam ir a Londres imediatamente para interrogatório, o que era ridículo, como

dizer ao mar que este deveria ser julgado por todos os navios que engolira. As fadas não tinham nenhuma intenção de dar ouvidos àquele sujeito desajeitado vestido de vermelho. Correram em círculos em volta dele, sibilando e provocando-o. Uma das mãos pálidas se estendeu para puxar uma das mangas vermelhas. Um tiro foi disparado na escuridão. Então a guerra começou.

O conflito ficou conhecido como Guerra Sorridente, porque deixou muitos crânios brancos com dentes arreganhados pelos campos. Houve poucas batalhas de verdade. Nenhuma grande marcha ou ataque heroico sobre o qual mais tarde pudessem escrever poemas. Porque as criaturas mágicas não são como homens. Elas não seguem regras ou se organizam em fileiras como soldadinhos de chumbo.

As fadas chamavam os pássaros do céu para bicar os olhos dos soldados. Evocavam a chuva para molhar sua pólvora e pediam às árvores que arrancassem as raízes do solo e vagassem pelo país, bagunçando os mapas ingleses. Mas, no fim, a mágica das fadas não foi páreo para os canhões, a cavalaria e as fileiras de soldados que marchavam entre elas em uma infundável maré vermelha. O exército britânico atacou as fadas no imenso despenhadeiro chamado Tar Hill, fazendo com que se dispersassem. Aquelas que fugiram foram abatidas enquanto escapavam. As que restaram (e eram muitas) foram cercadas, contadas, batizadas e arrastadas para as fábricas.

Bath se tornou o lar delas naquela nova província. Voltou a ser um lugar sombrio, ressurgindo dos escombros. O lugar em que a estrada surgira, onde tudo tinha sido completamente destruído, se tornou Nova Bath, um aglomerado de casas e ruas a mais de 150 metros de altura, todo constituído

por chaminés enegrecidas e pontes com forma de teias de aranha, em um emaranhado fedido e fumegante.

Quanto à magia trazida pelas fadas, o Parlamento a classificou como uma espécie de doença que devia ser escondida sob bandagens e unguentos. Uma ordenhadora em Trowbridge descobriu que, sempre que um sino tocava, todos os encantamentos à volta cessavam — as cercas vivas deixavam de sussurrar, as estradas levavam apenas aos lugares que deviam —, então foi aprovada uma lei ordenando que todos os sinos de igreja do país soassem a cada cinco minutos em vez de a cada quinze. O ferro já era considerado uma proteção segura contra feitiços há tempos, por isso passou a ser incluído, em pequenas quantidades, em tudo, desde botões até farinha de rosca. Nas cidades grandes, campos foram arados, e árvores, derrubadas, porque acreditava-se que as fadas eram capazes de extrair magia das folhas e das gotas de orvalho. Abraham Darby propôs, de forma memorável, em seu tratado *As propriedades do ar*, que mecanismos em geral agiam como uma espécie de antídoto à natureza indisciplinada das fadas, então professores e físicos e todas as grandes mentes voltaram seus esforços para a mecânica e a indústria. A Idade da Fumaça tinha começado.

E depois de algum tempo as fadas simplesmente passaram a fazer parte da Inglaterra, uma parte inseparável, como a urze nas desoladas charnecas cinzentas, como as forcas no alto das colinas. Os goblins, gnomos e fadas mais arrojadas logo absorveram os costumes ingleses. Moravam em cidades inglesas, tossiam fumaça inglesa e, em pouco tempo, não estavam em situação pior que a dos pobres humanos trabalhando ao seu lado. Mas as fadas superiores — os Sidhe

pálidos e silenciosos, com seus coletes elegantes e olhares astutos — não entregaram os pontos tão facilmente. Eles não conseguiam se esquecer de que um dia tinham sido senhores e senhoras de seus próprios salões. Não eram capazes de perdoar. Os ingleses podiam até ter vencido a Guerra Sorridente, mas havia outras formas de lutar. Uma palavra podia provocar um motim, a tinta podia determinar a morte de um homem, e os Sidhe conheciam tais armas como as palmas das mãos. Ah, como conheciam!